

A LIÇÃO DE TOLSTOÏ

O processo da vida de Tolstoï está feito. Stefan Zweig, perquirente analista da alma humana, que desce ao mais fundo dela para nos mostrar dos tipos que descreve as coisas mais escondidas e essenciais, os mais subtis elementos que a compõem e a definem, poisou os olhos do seu entendimento sôbre esse drama universal que se concentrou numa existência e durou o espaço duma vida de oitenta anos.

Verdadeiramente o havia apercebido já, ao conhecer de leve os elementos constitutivos da tragédia de Tolstoï, antes que Stefan Zweig me esclarecesse, quanto essa epopeia é a epopeia geral da humanidade; e tudo me leva a reconhecer a verdade proclamada pelo insigne escritor europeu de que o romancista de *Ana Karenina* é a própria humanidade russa, ou a frase sucinta e expressiva de Gorki chamando-lhe homem-humanidade.

Zweig fala na obra que ao poeta dedica no mais fervente olhar que o mundo viu. Esse olhar atento, perfurante, verrumador, colheu da vida os pormenores mais ligeiros, simples e significativos e que serviram à sua emoção de artista para retratar a vida nos seus reais aspectos. Esse olhar era uma viça chama da sua íntima grandeza. Dêle se servia para a obra de compreensão que a inteligência solicitava e com enervamento febril olhava tudo e tódos, para depois reduzir isso ao menos complexo e mais fáclmente apreensível como a sua obra artística o demonstra.

Tódos nós, ao lér um dos seus vulgarizados romances, nos espantamos, por certo, com a subtileza dos dados, com a pequenez dos pormenores, com a riqueza profunda e intrínseca das observações, numa só frase, num pensamento vulgar, mas que condensa, além-duma vasta e comum compreensão e duma riqueza universal de sentir, qualquer coisa de valiosa objectividade. Lembro-me bem de que acompanhei as leituras de Tolstoï com exclamações de agrado ao encontrar, passo a passo, verdades que em mim se sentiam e não se expressavam, observações que se colhiam mas não passavam ao mundo da inteligência serena e reflectida. Este entendimento que tódos podem ter da obra de Tolstoï indica quanto esse artista é homem, no sentido duma fôrça, dum dinamismo poderoso que do mundo oculto dos instintos e intuições trouxe as singelas verdades à serenidade da exposição clara, fraternal, sentida.

Impetuosa fôrça da natureza, animal com tóda a vibração animalesca, forte, ágil, ligeiro, volutuososo, Tolstoï representa aqui uma vivacidade primária, elementar, duma singular potência. E' neste aspecto um espelho das primeiras condições da vida, um símbolo curioso das primitivas coisas, um surpreendente caso de animal-homem. Busca as satisfações que a animalidade lhe pede: o exercício que lhe exige a

fôrça, as fugas e correrias que a agilidade solicita, os embalos para a sua ligeireza, o regalo ou doce ou vibrante para a sua volúpia. «Vitalidade sem exemplo: tódos os artistas dos tempos modernos ao lado dessa virilidade bíblica, envolvida por uma barba campônia e bárbara, parecem mulheres ou casquilhos». «Não, não há comparação possível; o século XIX não conhece outro exemplo de tal vitalidade, digna das eras primitivas do mundo».

Tão sólidamente fixado na vida, em bases tão estáveis e seguras, êle subiu do extremo animalismo em busca angustiosa e febril do perfeito, do róseo, do dourado, do ideal. Filho de instintos, com sangue viril correndo-lhe nas veias, como os rios nas cachoeiras, esse animal, prôso à vida natural pelo que em si havia de vigoroso, quis dominar-se, refrear-se, polir-se, até encontrar a plácida luz da verdade, até iluminar as trevas do que não percebia, até, esmagando as dúvidas, vencer os mistérios. Através da obra de Zweig nós vamos assistindo ao espectáculo duma luta pavorosa, dramática, dum ser que deseja o conhecimento intrínseco de tudo, que perante a morte quere abrir as cortinas dos seus mistérios.

Desvairado, esse homem que um século adorou e que contou a geração de Romain Rolland como discipula fervorosa e crente, deixou-se por vezes levar pela fé e, então, como um ingénuo profeta dos antigos tempos, exclamava: «Eu conheço a verdade». Mas de novo o furacão da dúvida assolava a puerilidade das palavras e o mesmo espirito em tensão marchava, fremente, em procura de outras certezas. Li algures que a ideia da morte fortalece a concepção da vida. Tolstoï, através dessa ideia que o mergulhou em desespero, através do *nada* com que o seu espirito constantemente se debateu, encontrou uma concepção de vida solidária, fraternal, de humildade cristã e de amoroso e mútuo respeito dos seres.

Lição de Tolstoï é, no entanto, não o que êle conseguiu, não o resultado considerável da sua obra que, valiosa, se projectou sôbre acontecimentos futuros, mas o seu *élan* espiritual, a sua corajosa busca do perfeito, o que há de energia nessa tentativa, falida e gloriosa e humana. Lição de Tolstoï é a dispersão do seu ser, é ter compreendido que «o único meio de fugir ao desespero da vida é projectar o seu eu no universo» e tentar essa projecção.

Ele não encontrou o absoluto, vã tentativa. Mas da sua energia aproveitaremos o exemplo para as pesquisas das nossas pequenas certezas... Sofreu, o grande espírito—louco em sua casa, poeta na rua, nô dizer camiliano. Não sei se a uma fôrça da natureza, como Tolstoï foi, podemos atribuir mérito. Contudo, não encontraria aí Spinoza mais um motivo de adoração panteística?

J . S O A R E S L O P E S